

33º Encontro Anual da Anpocs;

**GT 26**

Novos modelos comparativos:  
antropologia simétrica e sociologia  
pós-social

Coordenadores: Marcio Goldman (UFRJ) e Eduardo Viana Vargas (UFMG)

Título do Trabalho

**“A Prosa dos Buracos ou Sobre Comer e Ser Comida:  
deslocamentos femininos sobre a sorte de um povo”**

Autora:

Ana Carneiro (doutoranda, MN/UFRJ)

Aproximadamente trinta rapazes “no ponto de casar”, incluindo “solteirões” já em “idade avançada”. Do outro lado, somente quatro moças em mesma situação. Assim é contabilizada a diferença entre as presenças de homens e mulheres na terra do Povo dos Buracos, ao norte de Minas Gerais. Ali, a mata do cerrado apenas na última década veio sendo substituída por grandes monoculturas e uma pequena cidade, chamada Chapada Gaúcha, sede do município homônimo, criado em 1997. É para Chapada que as moças buraqueiras começam partindo. Primeiro para estudar, depois para trabalhar por ali ou para dali seguir rumo a Brasília ou São Paulo. Os rapazes já não cumprem este percurso com tanta frequência. Em geral, se saem, é para trabalhar nas monoculturas, e retornam meses depois à terra de origem. Assim, na terra dos buraqueiros, “os homens estão sobrando mais do que abóbora na janta”, como eles mesmos constataam, fazendo graça.

Por que as mulheres se mudam para a cidade mais do que os homens? Tal situação não é exclusiva ao povo aqui analisado. Um panorama dos movimentos migratórios no Brasil, feito nos quadros do Instituto Nacional de Pesquisa Aplicada (IPEA)<sup>1</sup>, mostra como análises demográficas apontam para a criação de duas “leis” associadas entre si: a de esvaziamento da população rural e a do crescimento contínuo do número de mulheres migrantes, sempre maior do que o dos homens (Camarano e Abramovay, 1999: 4). O fenômeno parece ocorrer mesmo em escala internacional, como expressa a fórmula de Ravenstein (1980[1885]: 65 *apud* idem) - “as mulheres migram mais que os homens” - em obra citada pelos autores do estudo como “clássico da literatura demográfica”. No panorama, indicam-se variações regionais e mostra-se que a predominância feminina ocorre apenas em uma “segunda etapa” da história das migrações. Em todo caso, a pergunta diante dos dados permanece a mesma: por que as mulheres partem? Dentre as causas responsabilizadas pelo fenômeno, o estudo aponta a da relação suposta entre “os processos modernizantes” (ou o processo de “desruralização”) e o conseqüente “enfraquecimento dos valores machistas” do mundo “tradicional”, rotulado pela

---

<sup>1</sup> Camarano, Ana Amélia e Abramovay, Ricardo. “Êxodo Rural, Envelhecimento e Masculinização no Brasil: panorama dos últimos 50 anos”. 1999. In: *Texto Para Discussão n. 621*. Rio de Janeiro: IPEA.

imagem de uma realidade (“rural”) “ultrapassada”. Contra o “machismo” – “tradicional” e “rural” – estaria o “feminismo” – “moderno” e “urbano”. E então o progresso, o êxodo rural e o acentuado contingente migratório feminino integrariam a paisagem do “fim do mundo rural”. Isto é, o fim da “reprodução social no campo” ou “o processo de desagregação do tecido social rural”. Entre as marcas deste “processo evolutivo”, estaria a mudança no perfil do trabalho das mulheres - de donas-de-casa submissas para trabalhadoras assalariadas na cidade - resultado da difusão dos valores da “libertação feminina” em um mundo outrora dominado pelos homens.

Os mesmos autores a apresentarem este quadro de análise, entretanto, alertam para a importância de pesquisas qualitativas com vistas a tornar as hipóteses mais acuradas (*idem*: 20). Antes de tudo, note-se, porque, conforme se pode inferir da observação desses autores, a produção dos referidos dados esbarra em um problema da ordem do discurso, já que, dizem eles, “não existe critério universalmente válido para a delimitação das fronteiras entre o rural e o urbano” (*Idem*: 6).

Assim, não se trata aqui de condenar - ou mesmo “relativizar” – as análises demográficas. Ao contrário, nosso ponto de partida é justamente a coincidência entre estas e dados etnográficos que obtive em pesquisa junto ao Povo dos Buracos<sup>2</sup>, ali onde “quis a sorte” que a atual situação imitasse o que o se reconheceu, no panorama sobre êxodo rural brasileiro, como “masculinização e envelhecimento do campo”. Seguiremos aqui duas pistas dadas neste estudo, a saber, um “problema” (as mulheres partem mais do que os homens) e uma “hipótese” (de que este problema se associa ao que os autores chamam “processo de modernização”). Buscarei neste artigo, entretanto, “desempacotar” um e outro. Com isto, creio evitar uma explicação de ordem moral (a mulher emigra para ganhar “liberdade”) dada no quadro das referidas análises mas não acionadas pelas próprias migrantes buraqueiras. Neste sentido, existe ainda, entre meu

---

<sup>2</sup> A pesquisa de campo foi iniciada em setembro de 2006 e encerrada em julho de 2009, intervalo dentro do qual constam períodos de campo que variam de 1 a 10 meses.

argumento e o dos demógrafos, uma diferença de escala; trata-se aqui de um povo em cuja terra não existem mais do que quarenta domicílios. Esta diferença implica uma outra, a de construção de instrumentos conceituais, e nisto reside sua maior importância, já que o caminho de análise aqui será justamente o de alinhar as pistas ora apresentadas à produção conceitual nativa. Assim, o problema de escala não nos é na verdade tão significativo; para uma questão de produção de conceito, o objetivo parece ser mais o de por em marcha certo pensamento do que fixar unidades de grupo. Afinal, o “povo dos Buracos”, unidade com a qual trabalharei, é um conceito que importa aqui mais pelas noções de deslocamento que implica do que pelo contingente de moradores em um dado local.

Buscarei enfim aproximar-me dos conceitos usados por buraqueiros e buraqueiras nas análises que fazem sobre questões de deslocamentos entre sua gente. E, com este intuito, é-nos fundamental uma especial atenção à noção expressa nos termos, sinônimos, de “sorte” e “destino”. Tal conceito é o que de algum modo guia os mais diversos “causos” de deslocamentos do povo dos Buracos, relatos nos quais se busca explicitar a “sorte” ou o “destino” de cada um. É analisando a sorte que os buraqueiros etnografam seus processos de mudança no transcurso de um dado tempo passado. Estas narrativas revestem-se basicamente de estórias sobre quem casou com quem e para onde o casamento os levou, para longe ou perto, para poucos ou muitos filhos gerados. Seguem-se a isto os destinos dos filhos e assim vai sendo traçada a sorte de todo um povo, os movimentos de sua gente. E também quem não casou tem seu rumo por aí justificado.

Através desses “causos”, faz-se a História dos Buracos, narrando-os seja às gerações mais novas, seja a uma pesquisadora que se declara interessada em “pesquisar a parentesa do povo”. Neste último caso, os buraqueiros esmeram-se em contar detalhes de como cada um desses casamentos reuniu povos ou famílias mais ou menos distantes. Quando ocorre uma união matrimonial, há de se justificar, por exemplo, a proximidade que deu margem ao encontro do casal: seja por ocasião de uma festa, quando os noivos não se conheciam, ou por resultado de

laços familiares já existentes, quando os noivos apenas fortaleceram seu conhecimento mútuo. Em todo caso, as histórias de união desenrolam certos mapeamentos: como se chegou ao “acontecido” do encontro? “O irmão dele casou com a irmã da que agora é esposa dele, por isso acabou puxando”, conta-se, por exemplo, explicando-se como deu por se dar um casamento entre concunhados. Noiva e noivo “puxados” uns aos outros através dos respectivos irmã e irmão. Assim, de um modo geral o traçado destes deslocamentos se faz à medida dos elementos que, no dizer dos Buracos, “puxam” as pessoas em uma ou outra direção. A “sorte”, ou o “destino”, de um povo ou pessoa dá-se a ver através das histórias de como um acontecimento “vai puxando” outro.

Mas o que é a “sorte”? A sorte “abre”, diz-se às vezes. Quando, em uma determinada casa, pessoas começam a chegar separadamente mas ao mesmo tempo, o povo anima e diz: “Ich! Agora a sorte abriu!”. Ao viajar, quando a carona aparece no tempo certo de se alcançar o ônibus e chegar ao destino - antes mesmo da hora marcada! - o sortudo diz: “tem vezes que a sorte abre e tudo anda no tempo.”. Da sorte, se vai em busca, “caçando”: “foi para esse mundão aí caçar a sorte”, sobre quem buscou destino longe. Sobre a sorte, se tiram conclusões, se a moça foi para de junto do rapaz e lá engravidou, o gesto de aproximação já tinha algum sentido: “parece que é a sorte...”, conclui-se. E, diante da sorte, se “facilita”: por exemplo, em um ocorrido de morte. “A morte já tem destino certo”; “a morte só arranja desculpa para chegar”; “é a sorte de cada um”, lamenta-se. E analisa-se a sorte: “o sujeito caiu sem jeito e bem naquela hora o animal veio pra cima... Parece que o sujeito facilita...” Ao se narrar o episódio, lembram-se então os meios pelos quais o falecido, sem opção, “facilitou” para que a sorte mostrasse sua cara na morte.

As maneiras de fazê-lo são sempre contingentes, só se pode saber a *posteriori* quais os gestos ou atitudes que “facilitaram” o ocorrido da sorte. Mas há modos de especular, ou “calcular”, destinos, o que se faz através da observação de suas pistas, isto é, de deslocamentos por algum motivo significativos. Quando se nota alguma “diferença” em relação à paisagem cotidiana – por exemplo o excesso

de circulação de duas pessoas entre suas respectivas casas, ou o excesso de “quentura” em tarde nevoada - o assunto se estende e rende; algumas prospecções podem ser feitas. Será o caso de falar de amor ou de chuva. Por outro lado, o povo buraqueiro conhece alguns modos deliberados de se facilitar a entrada de uma “sorte ruim”, buscando em geral evitá-los. Quem facilita, neste caso, é considerado “prosa ruim”. Pois o que não se deve fazer para “atrair má sorte” é dizer certas coisas. Por exemplo, não se recomenda “falar no nome” [do capeta], pois “a coisa ruim está só esperando uma brecha para entrar, aí se falar, facilita”. De quem se fala mal, espera-se que fique com a “sorte ruim”, ou ao menos com a “sorte enguiçada”. Como?, pergunto. “Assim a sorte de uma pessoa que não pára quieta, não sossega em canto nenhum...”

Enfim, seja na morte, quando se parte “para o país dos pés juntos”, seja no casamento, quando se “toma rumo”, ou noutros acontecimentos analisados pela sorte, o que se dá a ver são históricos de movimentos: o que “puxou” fulano para lá? A respeito da sorte, o que se pode sempre dizer portanto é que algum rumo foi encaminhado. Mas como do “destino” mesmo, “só Deus sabe”, resta aos humanos buscar enxergar os seus sinais, isto é, as pistas dadas por deslocamentos que visibilizam a sorte. Estes não se fazem apenas ao longo de dados espaços; há também como “puxar” pessoas através do tempo. Seja pela memória, quando se diz “puxar a lembrança” de um velho parente já falecido, trazendo-o ao “juízo” de quem “puxa na memória”.

Esta associação entre a “sorte” e o que “puxa” um “destino” ocorreu-me por ocasião de uma conversa, da qual participei, entre uma senhora buraqueira e seu filho. Falavam sobre casos de crianças nascidas defeituosas. A mãe contou sobre um menino com fuça de porco, um olho de cada lado do rosto... “Com certeza é porque a mãe da criança viu esse bicho na TV. Quando uma grávida vê uma coisa feia e fica incutida naquilo, o filho nasce igual, puxa”. Mas isto só acontece no caso de a pessoa esquecer que está grávida, explicou-nos a senhora, “aí ela fica incutida naquilo, fica com influência, e esquece que está grávida”. O filho da senhora ouvia balançando a cabeça negativamente, não acredita “nessas

superstições, coisa de gente de cabeça fraca”. “Na verdade, tudo depende do que acontece no momento em que o bebê está sendo gerado”, contra-argumenta ele, ao que sua mãe replica: “então! É isso mesmo! É na hora de gerir que acontece”. Mas o outro continuava discordando, e recorreu ao exemplo dos gêmeos que apareceram na TV e disse: “quando dá o destino de entrar dois embriões ou até três ao mesmo tempo, nasce gêmeos ou trigêmeos”. A controvérsia girava portanto em torno do que levava um certo destino a ter sido do jeito que foi. Para a senhora, havia algo que “puxava”; para seu filho, era porque era, “quando dá o destino...”. Este termo é, como a palavra “sorte”, usado nos Buracos no lugar de uma idéia próxima à de acaso, mas não parece se reduzir a isto. Durante o trabalho de campo, por exemplo, perguntavam-me, “que destino é esse que te trouxe aqui pra esse fim de mundo, Ana?”. O acaso de minha presença tinha algum destino que se devia explicar. Mas o que é o destino?, perguntei. “É a sorte da pessoa”, alguém respondeu. Neste sentido, o acaso que incide na vida de uma pessoa, para ser pensado como destino ou sorte, tem sempre uma “natureza”, isto é, fala sobre o “rumo” desta dada pessoa, o rumo que pontua sua estória particular. Pensando nisto, perguntei ao filho da senhora: “então se o acaso determina o nascimento, o que determina o acaso?”. E ele respondeu: “é isso que ninguém sabe. Tem coisas que nem a ciência sabe explicar”.

A sorte - ou destino - de um casamento é decerto uma das coisas que “nem a ciência sabe explicar”, consideram os buraqueiros. Talvez por isto o tema dos casórios passados ou possíveis entre necessariamente em jogo quando a conversa é sobre as “andanças do povo”. E nestes casos, o que se debate enfim é sobre o futuro - ou destino - já dado ou ainda por se dar na vida de uma pessoa. Enfim, falando-se de rumos, ou destinos, fala-se de casamentos, pois este é arte da sorte: “casou e tomou rumo lá para a terra da gente do marido”. Pelo matrimônio, estabiliza-se um certo campo de possibilidades.

Qual será o destino de cada um? Há pessoas que “não encontram a sorte de arranjar um casamento”. Ou casos de moças que partiram para a cidade grande, estudaram e trabalharam “fora” (“em casa de família”), mas depois voltaram para os

Buracos, onde agora se casaram, constituindo suas próprias casa e família. Estabelecendo-se, tais moças deixam-nos à mostra um destino que ninguém esperava pra elas. Por que depois de tudo elas voltaram?, perguntam-se os buraqueiros com certo espanto. “Vai da sorte de cada um, né...”, concluem. E há ainda a sorte de gente que, mesmo já casado, sai “caçando a sorte”, “caçando rumo”, “caçando melhora”, “é uma sorte complicada a desse casamento...”, nota-se então. Mas como sabê-lo com antecedência? Nenhum noivo nasce com pinta mostrando se é bom, explicam as moças buraqueiras. Entrega a dúvida à sorte, e esta não se confunde com escolha, embora possa lhe estar associada. Pois as escolhas de alguém também dizem respeito à sua “natureza” pessoal, ao “destino” que se lhe é reservado. Acontece, por exemplo, de uma moça amar um rapaz e com ele planejar casar, contra a vontade da família, e pode acontecer que este casamento não aconteça. E quem sabe outro rapaz, enfim feito marido, revelar-se-á melhor do que aquele primeiro, antes imaginado e desejado pela moça! O que será acontecido “só Deus sabe...”, concluem as narrativas.

Não seria justo ver, nesta forma de conclusão, uma explicação de ordem “esotérica”. Mais precisamente, esta forma de pensar parece aproximar-se mais de um caráter especulativo, existencial ou, digamos, filosófico, pois é sobre as formas de perceber o tempo que se volta. Nas formas e histórias de deslocamentos, somos dados a refletir sobre o rumo de um certo acontecido e, neste, as pistas da sorte são deixadas pelo transcurso do tempo. Neste sentido, a curiosidade sobre questões do amor é nos buracos tão insistente quando reflexiva. A despeito do tom prosaico (e até “fofoqueiro” ou “prosa ruim”) que podem assumir, as conversas sobre casos de namoros e casamentos chamam atenção pelas perguntas, dúvidas e especulações que inevitavelmente instigam nos interlocutores.

Quando cheguei nos Buracos, minha condição de solteira, associada à idade, que consideraram “já avançada”, foi logo expressa diante de mim como fato curioso. Perguntavam minha idade e então seguiam o interrogatório, que virou praxe: “como é que você veio parar sozinha nesse mundão?”, espantavam-se. “Você tem família? Ainda não casou? Não quer casar?”. Tempos depois, quando



retornei ali pela terceira vez, as questões já não eram as mesmas. Foram substituídas por uma única outra, que surgia como um bordão cômico, dito em geral logo que me encontravam, ao me cumprimentarem: “então, já arrumou casamento nos Buracos...?” E se riam, ou sorriam. A uma forasteira que parecia não querer mais deixar os Buracos, cabia que as perguntas assumissem tom jocoso. Tratava-se afinal de uma espécie de sugestão. Qual seria a sorte desta carioca?, especulavam. Para permanecer ali por ainda mais tempo, mantendo-se o “rumo” indicado por minha aproximação com o povo, era imaginado que eu arranjasse um casamento buraqueiro. A sorte de se apaixonar na roça, afinal, não se separa de um determinado gosto pela roça.

Mas minha situação diante do povo dos Buracos mostrava-se instigante também por outro motivo. A escolha de não querer casar também podia ser apontada naquele rumo, destino meu, longe de minha terra, de minha gente. “Casar é bestagem, né!”, concordou comigo certa vez uma jovem casada, “só pro marido enciumar!”, disse, “só pra gente passar raiva!”. Frequentemente, diziam-me também que minha escolha em “estar longe” se justificava no “progresso” que ela implicava: “você está sofrendo nesta terra longe, mas isso vai te dar um diploma bom!”, deduziam. Com estas justificativas dadas em meu nome, percebi que a dúvida colocada a respeito dos motivos de dado deslocamento configura-se, para as moças, como opção entre casar-se ou “progredir”, o que se traduz por “trabalhar para conseguir estudar”. “Progredir” é conseguir um “diploma” [de faculdade], e para isto é necessário esforço, especificamente o de se manter longe de casa, ou seja, o de trabalhar “fora”. Noutras palavras, a alternativa que se coloca ao casamento é o trabalho “fora”, isto é, a possibilidade de se “fazer dinheiro”, o que é entendido como condição e resultado do diploma. A idéia de que eu - “estudada” e vinda do Rio de Janeiro - pudesse não querer casar mostrava-se assim significativa para as moças buraqueiras que conheci. Pois ali, nota-se, como novidade, ou “moda dos dias de hoje”, casos recorrentes de mulheres que, casadas ou não, afirmam e argumentam ser o matrimônio um mau negócio. “Hoje, casamento não está valendo mais nada, a pessoa casa no almoço e já está separando na janta”.

As senhoras mais velhas retrucam as que dizem não querer casar: “toda panela tem sua tampa. A tampa da sua panela está guardada. Quando diz que não quer casar, é porque ainda não encontrou a tampa para a sua panela”. Mas esta explicação pode ser facilmente refutada pelas moças, como no caso de uma que me explicou, rindo de si, “é que a minha panela é uma frigideira, e não existe tampa de frigideira”.

A relação entre a possibilidade de deslocamento e o horizonte reservado à vida matrimonial é observada também por outros estudos<sup>3</sup>. Alguns destes entendem que a predominância de mulheres solteiras no contingente de emigrantes da roça está associada a uma “mudança de valores” em função da qual os rapazes “caipiras” não despertam mais o interesse das moças, influenciadas pelo estilo urbano transmitido pela televisão. Tal argumento não me parece válido para os Buracos. Se, de fato, nota-se ali que as moças mostram-se mais “incutidas” [influenciadas] pela “moda da cidade”, do que os rapazes, há por outro lado uma evidente preferência delas em se relacionar com “gente sua”. Mesmo quando já partiram pra Brasília, planejam suas melhores roupas e o tempo de férias em Minas; é nas festas de folias, junto de sua gente, que vêem as maiores chances de “arranjar namorado”. E quanto às moças que permaneceram nos Buracos, a perspectiva de ir para cidade grande não exclui desejos como o de se casar com um primo, um em especial, o mais belo, “incutimento” da infância. E esta possibilidade pode mesmo parecer a mais sensata, posto que, casando-se com primo, raciocinam buraqueiros e buraqueiras, obtém-se as vantagens de não se afastar da família e de fazer uma aposta menos arriscada na sorte. Pois se o noivo é conhecido, é da família, já se tem mais elementos para calcular a possibilidade de sucesso do casamento. De outro lado, ir para a cidade é lançar-se à sorte de um modo menos certo; é sair sem rumo certo, “caçando melhora”.

Quando pergunto, as moças dos Buracos hesitam em decidir qual o melhor destino para si. “Viver na cidade é bom, mas trabalhar em casa de família, trabalhar pros outros... Ninguém merece!”. Entre ficar nos Buracos, em Chapada Gaúcha e

---

<sup>3</sup> Ver Jacquet, Christine “Urbanização e Emprego Doméstico”. RBCS, vol. 18, n. 52, jun/2003.

partir para mais longe, as opções tipificam-se entre os desejos de, na cidade, “evoluir”, “ganhar um diploma”, e nos Buracos, ter sua própria “casinha”, com um “maridinho bom”. Esta oposição genérica tende a começar pelo julgamento de que a primeira opção é a mais correta, mas isto se desfaz imediatamente quando, aos risos, as migrantes buraqueiras constataam: “as moças saem da roça dizendo pros pais que vão voltar com o diploma, mas o diploma que elas da cidade é um filho no colo! E sem o pai da criança!”. O que está em jogo na indecisão parece, portanto, ser entre a sorte de se conseguir um bom emprego, causa e efeito do “diploma”, e a sorte de ter um bom casamento. Ambos os destinos são considerados desejáveis, com variações tendendo pra um ou outro lado dependendo da moça em particular. Assim, as possibilidades que acontecer uma e outra coisa são pesadas; é preciso algum “cálculo” sobre a “sorte”. E este cálculo pode se basear nos deslocamentos passados, modo conforme vimos costuma ser analisada a “sorte”. Todavia, sempre há de haver nos casos futuros elementos não existentes nos destinos já passados. Sobre alguns desses elementos, uns particulares outros mais gerais, falou Quincas, dos mais idosos senhores buraqueiros, em conversa com um amigo de sua geração. Falava a respeito de uma prima e cunhada sua, Nésia, que se mudara para Chapada Gaúcha “já depois de velha”; conseguindo emprego na Prefeitura, Nésia separou-se definitivamente do irmão de Quincas, que sofre sérios problemas de alcoolismo.

Quincas – O Nico disse que ia falar pra o [prefeito] Mundinho tirar o emprego de Nésia e ela voltar pra morar mais ele nos Buracos, pra ela voltar pra casa dela. Volta o que! Ela saiu sofrida pra lá! Sem serviço, moço! Sem lugar de ficar! Agora arranhou serviço, já comprou barraquinho. O que ela quer mais com Nico? ele só bêbado. Se perder o emprego, se Mundinho tira ela... Que pode acontecer? Todo mundo está trabalhando na vila! Essa menina de Rica, ficou lá quanto tempo estudando? Agora, parou de estudar, não vem pra casa [nos Buracos] mais não. Trabalhando. Ganha o que? Cento e quarenta reais! A mãe sozinha mais o pai aqui. Agora a mãe doente precisando dela... Uma vergonha, os pais precisando dela e ela trabalhando por 140 contos. Se fosse ao menos um salário [inteiro]! Eu falei, Ó, eu era pobre, mas trabalhava pra mim. Uma vez (...) cheguei aqui a Bia filha minha trabalhando [na Chapada] pros Sbruzi, por sete reais por dia. A Bia já andando na rua, já de short

apertado, eu calei a boca. Quando inteirou o mês, falei ... Fomos pra fora... Ela só voltou a trabalhar quando Tana [outra filha] casou. Aí a Bia falou, Tem jeito não. No causo dizia que tinha que estudar. Mas estudou o que? Chega lá, só trabalhando... Mas não bagunçou a vida não! Ta lá ganhando seu dinheiro... Porque essas meninas só bagunçando a vida na vila [Chapada]. O povo fala o acontecido! Porque não é só filha minha, não! Porque na Brasília é um salário [inteiro], a que ganha menos...

Zé Bandeira - Mas hoje todo mundo quer ter salário...

Quincas - E o pior é a granfinagem da cidade! As moças da roça querem a moda da cidade! Tudo nascido e criado aqui, nunca faltou comida, moço!

Por esta conversa, Quincas decerto teria sido chamado de “prosa ruim” se sua sobrinha mais chegada estivesse presente. Justamente, aliás, o causo era um causo entre senhores, entristecidos com mudanças que por outro lado alegam as moças. Entre tais mudanças, está a de poder separar-se do marido. Curiosamente, hoje as mulheres tomam a iniciativa de fazê-lo, o que antes não se fazia, não se sabe porque, pois hoje como antes, observa Quincas, não há nada de errado em abandonar um casamento “sofrido”. O que é condenável para Quincas é a “granfinagem”. O trabalho na roça é digno, dizia Quincas ao amigo: é comida. Pra que querer mais? As moças hoje querem salário, dinheiro; querem a moda da cidade. Neste ponto, certamente as moças concordariam, sem entretanto ver nisto qualquer problema moral. Sorte boa e difícil é a de conseguir um casamento que não viva, como no “sistema antigo”, em função apenas da comida. “Quero a comida mas também quero ser comida!”, riu, certa vez, uma jovem solteira de Chapada Gaúcha ao discorrer sobre o tema. Sobre “ser comida”, ela dizia, não apenas devia-se pensar o ato sexual mas também todo o leque de “luxos”, como perfumes e camisolas, de que uma mulher gosta. Noutra situação, outra jovem mulher, Lúcia, esta buraqueira e casada, encaminhou seu argumento da mesma forma. Ela se defendia das acusações do marido, que reclamava por ela “só viver caminhando pra Chapada”, recusando-se até, por vezes, a cozinhar para ele. Lúcia “enraivava” diante de tais acusações. “Casar hoje não vale a pena”, disse-me, “antes a mulher casada pelo menos ganhava o dinheiro do marido pra fazer o que precisasse,

agora eu, além de cozinhar, cuidar da casa, é que pago tudo!”. Mas Lúcia não analisou o sabido e comentado fato de que ela exige hoje comprar artigos que suas parentas idosas, quando moças, nem sonhariam. Lúcia gosta da moda de cidade e gosta de festa. Mas teve a má sorte de se apaixonar por um esposo que “só gosta de gado” e nem a festa gosta de ir, pois é “ciumento da raça”. Lúcia é dessas moças que estudou, teve emprego em Brasília, depois São Paulo, mas acabou por voltar a morar nos Buracos, onde casou e hoje vive no “sistema” mais ou menos próximo ao “antigo”.

\*

Por que as mulheres partem mais do que os homens? Fiz esta pergunta inúmeras vezes ao povo dos Buracos e eles invariavelmente explicavam-me sobre a maior possibilidade, por parte das mulheres, de conseguir emprego (como empregada doméstica), e sobre o fato de as moças serem mais “incutidas” com a “moda de cidade”. Por esta, devemos entender a compra de produtos de beleza, roupas, perfumes e brincos, e de serviços de salão, como a “escovinha no cabelo”. Assim, entende-se como, ao estender um pouco mais a conversa nesta direção, as moças me falem não só sobre as indecisões da sorte caçada na vida de cidade, mas sobre a sorte de ter um bom casamento. Embora cercado de controvérsias e insatisfações, não se deve deixar de ver que este acontecimento efetivamente “puxa” as moças buraqueiras.

Deste modo, nosso quadro de análise se vê às voltas com uma duplicidade de desejos femininos: de um lado, o que “puxa” é o dinheiro, o salário, o estudo, de outro, o casamento, o amor não como valor irredutível, particular, mas como fenômeno propriamente familiar. Ao entrar na análise desta maneira específica, o matrimônio, caracterizado positivamente nos termos de “comer e ser comida”, aponta-nos para uma certa direção. Se na contradição ora mencionada, existem dois pólos que “puxam”, o casamento, signo da “união de corpos e espíritos” é exemplo de como funciona a arte de “puxar”, a arte da “sorte”. Como o casamento, qualquer deslocamento parece oscilar entre escolha, acaso e sobredeterminação. Não por acaso, é como se disse quando do debate sobre o “destino” de um

nascimento. Ali também há algo, no sangue da criança, que “puxa” um defeito, o traço de outrem ou mesmo a ocorrência de serem dois e não um os nascidos. “Quando dá o destino...”. Neste caso, contudo, não existe escolha, “o destino quem dá é Deus” – o destino de nascer, entenda-se, pois depois disto existem outros destinos possíveis, que se pode ou não caçar, a escolha está aí. Mas até onde se pode “caçar” um destino diferente daquele dado por Deus? Esta é uma questão que os buraqueiros se colocam freqüentemente. Analisá-la é, mais uma vez, analisar a sorte, isto é, observar os efeitos de um e outro deslocamento particular para dele extrair algum sinal, uma pista do rumo a que por fim se chegou. Assim se calcula sem nunca se chegar a um resultado final, pois “a sorte de cada um(a) é diferente”, “está guardada”. O que este modo de prever deslocamentos nos indica, em suma, é que, para se gerar conhecimento sobre as mudanças, é necessário não apenas observá-las no passado, mas é também preciso engajar-se em um próprio gesto de deslocamento. Como diz um dizer buraqueiro, “quem não caminha não conhece”. “O mundo hoje está mais perto”, disseram certa vez, nos Buracos, a respeito do episódio da chegada da luz elétrica e os conseqüentes aparelhos televisores. Falava-se então da nova circulação de informação, mas para isso falar também de outras “caminhadas”, como as dos parentes que vão para a cidade com mais facilidade do que antes, quando não havia estrada e a cidade “assustava mais”. Hoje, a cidade “puxa” cada vez mais, do mesmo modo que o querer-bem “puxa” pra perto. “É o mundo todo que está mais perto!”, dizem os buraqueiros, com espanto. Neste mundo nosso, este urbano que agora é mais próximo dos Buracos, seria o caso de notar o que nos “puxa” – dinheiro, salário, trabalho, parente? – talvez partir daí para conceber a diferença em relação aos deslocamentos das moças buraqueiras. A maneira como se “puxa” deve variar, conforme parece apontar o rumo aqui.